

ESBOÇOS

Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

DOSSIÊ DESASTRES AMBIENTAIS

Florianópolis
2013 / 2

ESBOÇOS - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC
Florianópolis, v. 20, n. 30, dez. 2013. Semestral.
ISSN 1414-722x (cessou em 2008) ISSNe 2175-7976

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Eunice Sueli Nodari

Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Henrique Espada Rodrigues Lima Filho

Conselho Editorial

Ana Lize Brancher, Artur Cesar Isaia, Cristina Scheibe Wolff, Eunice Sueli Nodari, Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Sílvio Marcus de Souza Correa.

Conselho Consultivo

Antônio Luigi Negro (UFBA); Barbara Weinstein (NYU); Benito Bisso Schmidt (UFRGS); Christinada Silva Roquetti Lopreato (UFU); Cláudio Bertolli filho (UNESP); Cléria Botelhoda Costa (UnB); Edgar Salvadori de Decca (UNICAMP); Élio Cantalício Serpa (UFG); Fernando Teixeira daSilva (Unicamp); Gilmar Arruda (UEL); Horacio Gutiérrez (USP); Iara Lis Franco S. C. de Souza (UNICAMP); Ítalo Arnaldo Tronca (UNICAMP); Izabel Andrade Marson (UNICAMP); Jaime Yaffe (Universidad de la República – Uruguay); Luciene Lemkhul (UFU); Mirta Lobato (UBA –Argentina); Maria Tereza Santos Cunha (UDESC); Márcia Regina Capelari Naxara (UNESP Franca); Ricardo Muller (Sociologia – UFSC); Rosângela Miranda Cherem (UDESC); Sidnei Munhoz (UEM); Valdir Gregory (UNIOESTE); Vavy Pacheco Borges (UNICAMP).

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Campus Universitário Trindade 88.040-900 Florianópolis SC
e-mail: revistaesbocos@gmail.com - Fone/fax: (48) 3721 9359
www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/

Editores: Eunice Sueli Nodari (UFSC) e Marcos Gerhardt (UPF)

Editor de seção: Alexandre Busko Valim

Diagramação: Aline Gabriela Klauck, Luís Guilherme Fagundes e Marcos Gerhardt

Imagem da capa: Alfredo Ricardo Silva Lopes

Publicação sem fins lucrativos dirigida aos profissionais e estudantes de História. Tem como objetivos incentivar a publicação de pesquisas e disponibilizar novas temáticas e fontes aos pesquisadores. **O conteúdo e a metodologia empregados nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFSC
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL
LINHAS DE PESQUISA E CORPO DOCENTE

1. TRABALHO, SOCIEDADE E CULTURA

Profa. Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian
Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho
Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado

2. MIGRAÇÕES, CONSTRUÇÕES SOCIOCULTURAIS E MEIO AMBIENTE

Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Prof. Dr. João Klug
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma
Prof. Dr. Silvio Marcus de Souza Correa

3. RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADES

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira
Profa. Dra. Ana Lice Brancher
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Profa. Dra. Janine Gomes da Silva
Profa. Dra. Joana Maria Pedro
Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza
Profa. Dra. Roselane Neckel

4. HISTÓRIA INDÍGENA, ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Profa. Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold
Prof. Dr. Lucas de Melo Reis Bueno
Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro

5. SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Prof. Dr. Alexandre Busko Valim
Prof. Dr. Waldir José Rampinelli

6. ARTE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Profa. Dra. Letícia Borges Nedel
Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores
Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza

SUMÁRIO

Apresentação

Eunice Sueli Nodari, Jó Klanovicz, Marcos Aurélio Espíndola 1-8

DOSSIÊ DESASTRES AMBIENTAIS

Enchentes inesperadas? vulnerabilidades e políticas públicas em Rio do Sul - SC, Brasil

Marcos Aurélio Espíndola, Eunice Sueli Nodari 9-34

A cidade perdida para as águas: o caso da Vila Epecuén na província de Buenos Aires, Argentina

Lise Fernanda Sedrez, Marina Miraglia 35-51

A natureza do risco: paisagem e risco na análise dos desastres socioambientais

Alfredo Ricardo Silva Lopes 52-66

Chuvas de granizo e desastre nos pomares de maçã catarinenses: produzindo uma agricultura de risco

Jó Klanovicz 67-89

Que desastre? As implicações legais e práticas da Lei de Sigilo do Japão na gestão e segurança de Desastre

Anna Leah Tabios 90-100

ARTIGOS

Piracicaba no século XIX: uma paisagem em mudança

Adalmir Leonidio 101-122

Considerações comparadas sobre a forma circular do tempo mítico e suas relações com o Rito

José D'Assunção Barros 123-140

Breve estudo de uma perspectiva de educação medieval

Rosana Silva de Moura 141-159

RESENHAS

Para além do antropocentrismo nas humanidades: a virada hidrológica

André Vasques Vital 160-163

Um mal silencioso: a regulamentação de agroquímicos no Brasil

Juliana Brocca Presa 164-167

APRESENTAÇÃO

Eunice Sueli Nodari
Jó Klanovicz
Marcos Aurélio Espíndola

Este volume da Revista *Esboços* traz um dossiê voltado à história e sua preocupação com desastres, além de uma sessão de artigos livres e de resenhas.

Desastres tem despertado cada vez mais a atenção dos estudos de história, principalmente a partir das perspectivas apresentadas pelo campo da história ambiental, em meio ao trato de eventos desastrosos nos mundos da tecnologia, das cidades ou dos espaços rurais.

Ursula Lehmkuhl¹, no esforço de compilar os aspectos que diferenciam estudos de história ambiental e de história dos desastres de outras formas do fazer historiográfico pontua que as principais características dessas pesquisas são a rejeição da tradicional perspectiva de que a experiência humana é isenta do mundo natural e de que as consequências ecológicas da ação humana no passado não podem ser ignoradas.

Trabalhar do ponto de vista da história, com desastres significa, assim, considerar a historicidade de suas definições, os enunciados que os delimitam, e que estão dispostos num gradiente que engloba em uma ponta tudo o que há de escorregadio e evasivo e, na outra ponta, as forçadas reduções conceituais que os *objetivam* para que sejam postas em práticas as operações de reação a eles.

Pensar desastres em história pode significar pensar *desastres históricos*, *desastres na história*, *histórias do desastre*, *histórias nos desastres*, *desastres antes dos desastres*. Se as histórias que tratam de desastres carregam, em si, as ansiedades humanas sobre as consequências das escolhas realizadas no passado em termos de padrões de produção de alimentos, de energia, de ocupação, de crescimento populacional, elas seriam diretamente histórias de desastres?

As opiniões divergem: para alguns autores como Marc Elie, se o trabalho com desastres na história não está ligado à leitura das rupturas realmente ocasionadas por eventos desastrosos, então a pesquisa não está ligada diretamente a eles.² Para Christof Mauch, os instrumentos metodológicos utilizados por historiadores e historiadoras ao tratar de desastres permitem incorporar não apenas a dimensão do acontecimento desses eventos, como

também refletir o escopo das interações humanas com a natureza, a tecnologia, incluindo ramificações políticas e institucionais, as percepções socialmente produzidas sobre esses eventos, as ansiedades que variam historicamente, bem como os danos e riscos econômicos, socioculturais, políticos e ecológicos advindos de desastres. Nesse sentido, os desastres podem ser abordados tanto a partir de seu imediatismo, ou seja, da sua incidência repentina, bem como de seus efeitos em longa duração.³

Apesar das diferentes abordagens, o ponto de partida dos estudos recentes de história acerca de desastres é o de delimitá-los como um misto complexo de perigos naturais e ações humanas.

O presente volume ocupa-se do que há de mais recente na pesquisa sobre desastres em história, com artigos de pesquisadores e pesquisadoras nacionais e internacionais. Ao partir da complexidade dos desastres, buscou-se reunir contribuições que abordam eventos extremos sob óticas diversas.

Ao abrir o Dossiê, em *Enchentes inesperadas? Vulnerabilidade e políticas públicas em Rio do Sul – SC, Brasil*, os autores Marcos Aurélio Espíndola e Eunice Nodari analisam as principais enchentes ocorridas no município de Rio do Sul, no Vale do Rio Itajaí-Açu, no estado de Santa Catarina. As enchentes de Rio do Sul, conforme os autores, tem sido deixadas em segundo plano quando o tema é desastre, uma vez que a atenção tem recaído, principalmente, sobre cidades do Médio e do Baixo Vale do Itajaí, e não na microrregião na qual o rio Itajaí-Açu se forma. Espíndola e Nodari discutem a ocupação populacional da região como uma das grandes responsáveis pela recorrência das inundações urbanas.

Lise Fernanda Sedrez e Marina Miraglia discutem a destruição do balneário turístico argentino *Vila Epecuén*, Buenos Aires, devido à inundação causada pelas águas do lago de mesmo nome, em 1985. Sedrez e Miraglia discutem esse evento a partir de uma história ambiental que considera desastres como processos históricos socioambientais, no estabelecimento de um diálogo entre a história ambiental e a teoria social do risco.

A natureza do risco: paisagem e risco na análise dos desastres socioambientais, artigo de Alfredo Ricardo Silva Lopes, discute o uso conceitual do risco quando da interpretação da ideia de paisagem e seu emprego, pela história ambiental, na construção de estudos dos desastres socioambientais. O autor observa que a percepção de risco de novos desastres transforma a compreensão sobre o ambiente que os indivíduos possuem e, nesse sentido, a transformação das paisagens referendam o forte elemento antrópico na definição de desastre.

Em *Chuvas de granizo e desastre nos pomares de maçã catarinenses: produzindo uma agricultura de risco*, Jó Klanovicz lê a história da expansão da pomicultura no interior de Santa Catarina como uma monocultura moderna

intimamente relacionada às consequências que as precipitações de granizo tem causado às ideias e práticas da agricultura convencional de larga escala.

Já Anna Leah Tabios, no artigo *Que desastre? As implicações legais e práticas da Lei de Sigilo do Japão na gestão e segurança de desastre*, discute a natureza pública e a importância do papel da informação e dos relatos da imprensa nos momentos seguintes aos desastres, com atenção especial à discussão sobre o desastre nuclear de Fukushima.

Na sessão de Artigos Livres, Adalmir Leonidio analisa o processo de formação da paisagem rural de Piracicaba, São Paulo, desde o século XIX, com atenção especial sobre a dinâmica agrária e a dinâmica de padrões paisagísticos em meio à produção açucareira, no artigo *Piracicaba no século XIX: uma paisagem em mudança*.

Em *Considerações comparadas sobre a forma circular do tempo mítico e suas relações com o rito*, José D'Assunção Barros discute o contraste entre as concepções antigas e míticas sobre a forma do tempo em seus padrões circulares e o padrão temporal linear da perspectiva cristã, destinando parte do artigo à leitura da relação entre mito e rito desde a introdução de uma forma binária de tempo circular estabelecido por modelos míticos de decadência da humanidade.

Rosana Silva de Moura, em *Breve estudo de uma perspectiva de educação medieval*, analisa a filosofia da educação medieval a partir das contribuições de Santo Agostinho e Tomás de Aquino.

Este número traz duas resenhas. A primeira delas é escrita André Vasques Vital, tratando do livro *Thinking with Water*, uma coletânea organizada por Cecilia Chen, Janine MacLeod e Astrida Neimanis e publicada em 2013. Enquanto que a obra *De defensivos agrícolas a agrotóxicos: desafios para a regulamentação dos agroquímicos no Brasil*, publicada por Maria Leonor Paes Cavalcanti Ferreira, é resenhada por Juliana Brocca Presa.

NOTAS

¹ LEHMKUHL, Ursula. Historicizing Nature: Time and Space in German and American Environmental History. In: LEHMKUHL, Ursula; WELLENREUTHER, Hermann. *Historians and Nature: Comparative Approaches to Environmental History*. New York: Berg, 2007. p. 17-44.

² ELIE, Marc. A belated and tragic ecological revolution: nature, disasters, and green activists in the Soviet Union and the Post-Soviet States, 1960s-2010s. *The Soviet and Post-Soviet Review*, v. 40, n. 2, p. 157-165.

³ MAUCH, Christof. Introduction. In: MAUCH, Christof; PFISTER, Christian (Eds.). *Natural disasters, cultural responses: case studies toward a global environmental history*. New York: Lexington Books, 2009. p. 1-17.